

O TRABALHO ASSOCIATIVO EM ECONOMIA SOLIDÁRIA SOB A ÓTICA DO GÊNERO

Jaqueline Pereira de Oliveira Vilasboas¹

PALAVRAS-CHAVES: Gênero, Economia Solidária, Políticas Públicas.

INTRODUÇÃO

As transformações ocorridas nos últimos tempos, sobretudo aquelas engendradas pela mundialização do capital, têm modificado substancialmente o mundo do trabalho e a classe trabalhadora. Com a crise do binômio taylorismo/fordismo e a emergência de novas tecnologias ocorreu uma transformação na lógica do processo produtivo e na organização do trabalho. A palavra de ordem passa a ser flexibilidade e essa se materializa no processo de reestruturação do capital, rearranjo social resultado de decisões políticas de setores que, frente a uma nova correlação de forças entre capital e trabalho, decidiram não só romper com o pacto de trabalho anterior, caracterizado pela estabilidade e seguridade social, como também destruir o conjunto de intencionalidades que deram lugar a chamada sociedade salarial (CASTEL, 1998).

Assim, surgem novos formatos de trabalho dentre os quais podemos destacar o trabalho terceirizado, subcontratado, *part-time*, temporário, flexível (da jornada de trabalho, dos processos de trabalho, vínculos do trabalho), cooperativado, em domicílio, autônomo, etc. Esses tipos de trabalho têm em comum o fato de serem frequentemente instáveis, parciais, mal remunerados, marcados pela precariedade e desregulamentação. Ademais, esses postos de trabalho são perpassados pelas transversalidades de gênero, raça/etnia, geração, etc. (ANTUNES, 2005.)

Dentre essas formas de trabalho, a comunicação em questão destaca o trabalho associativo em economia solidária e o analisa segundo a perspectiva de gênero, uma vez que, segundo inúmeras pesquisas, as mulheres são maioria no interior desses empreendimentos.

Assim sendo, a comunicação em questão tem por finalidade fazer uma discussão sobre alguns aspectos do trabalho das mulheres em alguns empreendimentos de economia solidária da cidade de Goiânia-GO e Campinas-SP. Tal discussão além de mostrar as condições de trabalho no interior dos empreendimentos, pretende destacar as diferentes percepções das mulheres sobre o trabalho executado nas cooperativas. Tal objetivo pode contribuir para dar visibilidade para as demandas das mulheres no interior desses grupos e direcionar as elaborações de políticas públicas com perspectiva de gênero no âmbito da economia solidária.

METODOLOGIA

Essa comunicação é um desdobramento da minha dissertação de mestrado defendida recentemente². A análise que proponho é fundamentalmente qualitativa, ainda que seja utilizado alguns dados quantitativos oriundos de fonte secundária³. Assim sendo, os dados que compõem esse trabalho emergiram da realização de 20 entrevistas

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual de Campinas. E-mail: jaquelineoliveira_@hotmail.com.

² Economia Solidária: relações de trabalho emergentes e a configuração de novas identidades. Dissertação defendida em 02/2010 no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Goiás, sob orientação de Jordão Horta Nunes.

³ Dados oriundos do Segundo Mapeamento Nacional de Economia Solidária realizado pela Secretária Nacional de Economia Solidária no período de 2005 a 2007.

semi-estruturadas, de trabalho de campo exploratório, de acesso a informações referentes ao surgimento dos grupos, bem como de observações dos processos de organização e execução dos trabalhos nas cooperativas.

A análise das entrevistas é fundamental, pois a partir delas será possível recuperar a trajetória profissional das trabalhadoras, suas condições de vida e trabalho, suas percepções sobre a atividade que executam no empreendimento, bem como das mudanças e continuidades decorrentes de sua inserção nos referidos grupos. As entrevistas foram transcritas e categorizadas em unidades básicas, utilizando o aplicativo de análise qualitativa *Atlas.ti*, e serão confrontadas com o referencial teórico proposto.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A afirmação, corroborada empiricamente, de que as mulheres são, em geral, maioria nos empreendimentos de economia solidária está em consonância com a constatação feita por vários estudiosos de que o trabalho feminino é constantemente absorvido pelos postos de trabalho desregulamentados, marcados pela precariedade e vulnerabilidades sociais (HIRATA, 2009; ARAUJO, 2005; LEITE, 2009).

Assim sendo, os dados da pesquisa, sobretudo as entrevistas, serão tratados considerando a percepção das mulheres sobre o trabalho no interior das cooperativas sob duas perspectivas: enfatizando seus limites e suas possibilidades. De um lado, as condições de trabalho nesses empreendimentos são nitidamente precárias: os rendimentos são ínfimos e incertos, a jornada de trabalho é indefinida, ausência de direitos trabalhistas, falta de qualidade e segurança no trabalho, instabilidade do empreendimento que pode fechar suas portas a qualquer momento por não conseguir se manter no mercado e não oferecem perspectivas de ascensão social.

Acrescente-se a isso, o fato de muitas empresas utilizarem a legislação cooperativista para terceirizar trabalhos e se desresponsabilizarem dos encargos trabalhistas, o que acarreta conseqüências ainda mais graves sobre as condições de trabalho, os ritmos de trabalho e a remuneração no interior dos empreendimentos (LIMA, 2006). Estas considerações são importantes no sentido de que procuram afastar as visões mistificadoras e triunfalistas, segundo as quais as iniciativas de economia solidária seriam sempre positivas e libertadoras (SCHUTZ, 2008). Tal realidade faz com que muitas trabalhadoras se sintam insatisfeitas com as atividades realizadas no empreendimento e as impedem de se identificar de forma positiva com seu trabalho.

Por outro lado, os empreendimentos de economia solidária são uma alternativa de trabalho importante, sobretudo para mulheres pobres e desqualificadas que precisam subsidiar financeiramente seus lares. A despeito disso, os empreendimentos podem ajudá-las a recuperar auto-estima, podem dotá-las de certa autonomia, ativar sua capacidade de ação, incitam potencialidades que estavam adormecidas e as ajudam a construir novos campos de interação social, diferentes daqueles proporcionados pela esfera doméstica, ao conviver com outras pessoas em um ambiente de trabalho que tem por ideal se estruturar tendo por base os princípios da solidariedade e igualdade (SINGER, 2002; GUÉRIN, 2005; GAIGER, 2007).

CONCLUSÕES

A partir das considerações feitas, é importante salientar que as transformações no mundo do trabalho são marcadas por transversalidades dentre as quais podemos destacar a de gênero. A economia solidária está inscrita nesse processo e como tal produz um cotidiano de trabalho marcado por vulnerabilidades e desregulamentação. Contudo, ela tem se configurado como uma saída encontrada por muitas mulheres de se

inserirem de alguma forma no mercado de trabalho. Ademais, as trocas de experiências entre as trabalhadoras podem ajudá-las a criar espaços de discussão e reivindicação dentro ou fora do empreendimento, bem como promover mudanças importantes no relacionamento com seus familiares, sobretudo com os cônjuges.

Tais considerações podem contribuir para a elaboração e direcionamento de políticas públicas eficazes e com perspectiva de gênero no âmbito da economia solidária. Melhores condições de trabalho, garantia de direitos, possibilidade de ascensão social e profissional e supressão da divisão sexual do trabalho são caminhos possíveis para que a equidade de gênero seja uma realidade no mundo do trabalho e na sociedade como um todo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, RICARDO. *O Caracol e sua concha: ensaios sobre a nova morfologia do trabalho*; São Paulo: Boitempo, 2005.

ARAUJO, Angela Maria Carneiro. Os sentidos do trabalho da mulher no contexto da reestruturação produtiva. (mimeo), 2005.

CASTEL, Robert. *As Metamorfoses da Questão Social: uma crônica do salário*. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 95- 135.

GAIGER, Luiz Inácio. A economia solidária diante das desigualdades. *Revista Dados*, nº. 3, v 50. 2007. p. 499- 533.

GUÉRIN, Isabelle. Introdução Geral. In: *As mulheres e a economia solidária*. São Paulo: Edições Loyola, 2005, p. 11-30.

HIRATA, Helena. Mundialização, divisão sexual do trabalho e movimentos feministas transnacionais. *Cadernos de Crítica Feminista*, Ano III, n. 2, dez. 2009.

LEITE, Marcia. O trabalho e suas reconfigurações: conceitos e realidades. In: Leite, Marica; ARAÚJO, Angela M. C. (orgs). *O trabalho reconfigurado: ensaios sobre Brasil e México*. São Paulo: Annablume, 2009.

LIMA, Jacob Carlos. Trabalho informal, autogestionário e gênero. *Revista Sociedade Cultura*, v. 9, n.2, 2006, p. 303- 310.

SCHUTZ, Rosalvo. Economia Popular Solidária: novos horizontes para a educação popular? In: SCHUTZ, Rosalvo *et al. Desafios da Economia Solidária*. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2008, p. 19- 52.

SINGER, Paul. *Introdução à economia solidária*. São Paulo: Editora da Fundação Perseu Abramo, 2002.